



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO MARAJÓ DAS FLORESTAS

Vinícius Nascimento dos SANTOS
Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo

Atualmente a violência de gênero tem sido alvo de discussões e de propagandas veiculadas pela mídia contra a mesma. Contudo, ainda é alto o índice de violência contra mulheres. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo trazer e refletir sobre o diagnóstico numérico dos casos de violência de gênero denunciados (comunicados) na cidade de Breves, ao longo do ano de 2016. O intuito é trazer esses números e os tipos de violência de gênero ocorridas nesta região como forma de denúncia/alerta à sociedade sobre a necessidade de medidas públicas em apoio às vítimas. Para atingir o objetivo, foi feita uma pesquisa de campo na Defensoria Pública de Breves, onde, analisando os processos e flagrantes policiais, coletamos as denúncias ocorridas em 2016 com o intuito de traçar: 1) idade da vítima; tipo de violência ocorrida; 3) quem é agressor/grau de parentesco; 4) quem efetuou a denúncia, etc, para, a partir desses dados, identificarmos e analisarmos, entre outros aspectos, o grau de vulnerabilidade das crianças e adolescentes brevesenses e como tem sido o acolhimento a denúncias dessas vítimas. Também foi utilizada uma pesquisa bibliográfica que contou com autores como: Santos e Izumino (2005), Schaiber (2015), Silveira (2008), Woolf (1991) e outros.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Dados numéricos. Breves.

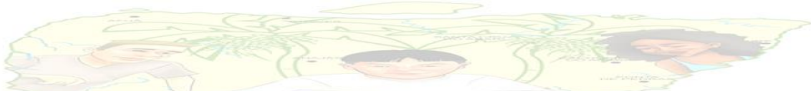
INTRODUÇÃO

Atualmente a violência doméstica é um dos assuntos que mais preocupam e, por isso, é um dos mais discutidos na sociedade brasileira. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo trazer e refletir sobre o diagnóstico numérico dos casos de violência de gênero denunciados (comunicados) na cidade de Breves, ao longo do ano de 2016. Para atingir o objetivo, foi feita uma pesquisa de campo na Defensoria pública de Breves. Também foi utilizada uma pesquisa bibliográfica que contou com autores como: Santos e Izumino (2005), Schaiber (2015), Silveira (2008), Woolf (1991) e outros.

Para melhor atingir nossos objetivos, o trabalho foi dividido nas seguintes partes, a saber. Na primeira apresentamos a teoria voltada para gênero e ainda nesta parte, como forma de aliar teoria à prática, será feita a análise dos casos levantados junto aos processos cuja entrada ocorreu no ano de 2016. E, por último, as conclusões.

1 GÊNERO E A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Aparentemente um assunto que sempre vai acarretar inúmeras discussões é o de gênero, principalmente por que ainda vivemos em uma sociedade muito machista que ‘estranha’ mudanças relacionadas ao papel que a sociedade tem construído para a ‘boa’ e comportada mulher dentro da sociedade, em particular, brasileira. Estranha, por que,



O estereótipo da mulher contemporânea está muito distante do comportamento das mulheres da Idade Média, que eram recatadas e ficavam recolhidas em seus lares. Nessa época imperava a submissão da mulher, o desejo dos homens e a satisfação de seus impulsos. [...] Cujas funções eram procriar e servir ao homem com fidelidade e atenção. (MACHADO, 2012, p.17)

Contudo, apesar de o estereótipo da mulher contemporânea estar distante do comportamento das mulheres da Idade Média não significa que a mulher moderna não tenha sérios problemas dentro da sociedade atualmente.

É claro que, historicamente, nem todas as sociedades subalternizaram as mulheres e nem todas as mulheres se deixaram subalternizar. Há muitos exemplos de mulheres que romperam com os papéis sociais a elas atribuídos segundo os padrões da sua respectiva cultura. Desde mulheres proeminentes, de classes sociais pobres que, ocuparam espaços públicos, até mulheres de classes sociais pobres que, premidas por suas condições de vida, também adentraram ao espaço público, no mundo do trabalho. (SILVEIRA, 2008, p.44)

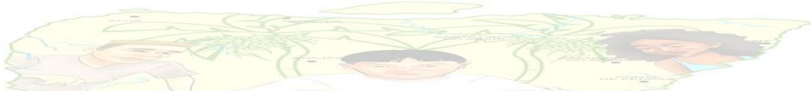
O aspecto positivo dessa discussão é que os problemas vêm sendo discutidos, como é o caso de relação de gênero (as desigualdades sociais entre homens e mulheres), a violência de gênero entre outros; porém o aspecto negativo que devemos lembrar que muitos homens tendem a ter um pensamento retrogrado e machista.

Segundo Senkevics (2012), na década de 80 a historiadora Joan Scott influenciada pela corrente pós-estruturalistas, esquematizou uma nova forma de pensar gênero, e a partir de uma crítica a outras visões, inclusive do sexo/gênero, que em sua opinião eram incapazes de dizer sexo e corpo, assim ela diz chama atenção para se pensar na linguagem, no símbolos no pensamento do binômio homem/mulher, masculino/feminino.

No que se refere às relações de gênero, uma das discussões diz respeito ao termo gênero. Nesse sentido, como afirma Silveira (2008), por meio dos estudos do feminino houve uma crítica ao significado de gênero, essa palavra adquiriu outro significado. Muitas pessoas ainda hoje não sabem o significado da palavra, gênero está ligado à configuração biológica e não a sexualidade ou orientação, dessa forma ainda há muitos equívocos sobre esse assunto, devemos refutar que é muito importante saber o que é de fato o Gênero.

Consoante Bonnici (2007), no século XX firmou-se um movimento que pretendia trazer a liberdade e a concretização dos direitos das mulheres, esse movimento ficou conhecido como o feminismo que surgiu entre mulheres que foram além do padrão imposto por uma sociedade machista-elitista. Ainda segundo o autor, a função do feminismo é erradicar toda forma de dominação sexista e mudar determinadas ideias acerca da mulher na sociedade.

Durante um longo período da história as mulheres foram submetidas à vontade dos homens. Embora houvesse papel definido, masculino e feminino, somente nas



últimas décadas do século passado a mulher ousou conquistar o espaço que lhe era devido ao lado do cônjuge, como também usufruir dos direitos iguais. (MACHADO, 2012, p.23)

Porém, não tivemos apenas uma corrente de pensamento feminista, mais várias cada uma com ideias singulares para ajudar um determinado grupo de mulheres. Acerca do feminismo brasileiro destacamos a seguinte afirmação:

Em geral, o feminismo brasileiro moderno e contemporâneo está atrelado ao feminismo do mundo ocidental, especialmente no que se refere a direitos, às conquistas, à recuperação de cânones literários, à movimentação social e à execução de um processo reivindicatório. A noção de vários feminismos, nos parâmetros de raça, etnia e classe não parece ser suficientemente discutida e está aquém daquilo já consolidado em outros países. Talvez devido à imensidão do país haja uma carência de coordenação sistêmica e coerente para uma mobilização e uma conscientização mais consciente do agente feminino (BONNICI, 2007, p.89)

Segundo a autora Machado, “a luta feminina encorajou a grande maioria das mulheres do mundo a repensar em seus valores, na posição que ocupa no seio da família e no seu conceito dentro da sociedade.” (2012, p.19). Entretanto, percebemos que os conceitos machistas ainda estão enraizados em muitas localidades, principalmente nas ribeirinhas e não se faz nada para mudar essa realidade ou os órgãos competentes não conseguem chegar a essas regiões, por serem regiões difícil acesso.

Infelizmente uma coisa que acompanhou essa ideia de inferioridade feminina foi a violência contra o sexo feminino. Um campo de estudo que vem sendo discutido principalmente nos últimos anos, isto é, a violência de gênero como elas se dá e que formas estamos buscando para amenizar isso. Então o discurso/pensamento machista está se perpetuando e se repetindo, e a violência contra mulher continua, mesmo com órgãos e a divulgação de muita informações por meio das mídias, muitos homens se acham “os donos” ou têm justificativa para exercer esse tipo de violência.

De acordo com Schraiber (2005), a violência contra a mulher se dá principalmente no âmbito familiar, em muitos casos entre cônjuges. Ainda de acordo com a autora, os casos de violência não são sempre iguais; apresentam-se de diversos modos como ameaça, violência sexual, física etc. Dessa forma, a ideia de que a violência acontece com alguém de classe social mais baixa ou de determinada cor, está errada, infelizmente na sociedade atual machista-capitalista isso é possível acontecer com qualquer mulher.

Para Schraiber:

Ou a violência contra mulher não é considerada violência (transgressão de direitos e violação de dignidade da pessoa) e, por isso, não deveria receber atenção de mesmo porte sócio institucional que as demais violências, ou, no extremo oposto e pelas mesmas razões, quando se percebe tal violência como um, problema que iria além do âmbito de cada um, não é entendida como específica e particular transgressão aos

direitos da mulher. [...]. A ausência dessas críticas reforça a violência vivida por certas mulheres como problemas apenas delas próprias, ou pior: como problema nenhum. (2005, p.34-35)

Nesse sentido, a violência pode ser definida como “problemas para os quais cabem ações públicas e políticas sociais apropriadas, como programas de esclarecimentos públicos, além de programas de apoio em instituições de assistência” (KRUG et al., 2002, apud SCHRAIBER, 2005, p. 35). Devemos ir além do discurso pronto e falta de atitude, devemos buscar meios e fazer com que a penalidade judicial seja mais árdua em caso de violência de gênero.

Consoante Meneghel et al, “o primeiro passo para a mulher sair da situação de violência é dar-se conta dessa violência, que muitas vezes é negada e naturalizada pelos mecanismos ideológicos da sociedade patriarcal” (2005, p.574). Ou seja, muitos homens praticam violência como uma forma de mostrar o poder que tem sobre suas mulheres, sejam elas filhas ou esposas. Na sociedade machista, deve imperar a submissão da mulher, portanto cabe a sociedade romper esses pensamentos e atitudes vorazes.


1.1 Os tipos de violência

Existem diversas formas de violência práticas contra o sexo feminino, porém iremos destacar as três formas que acontecem com algumas mulheres são elas: verbal, física e sexual. Posteriormente, iremos analisar dados que foram coletados acerca desses tipos de violência.

Neste sentido, Schraiber (2005) afirma que a violência contra a mulher são atos que afetam de alguma forma sua integridade. Segundo a autora, a violência física se configura em: tapas, empurrões, socos, tentativa de homicídio etc. A violência psicológica é: humilhações, ameaças, danos aos objetos pessoais; e por sua vez a violência sexual é relacionada à: relação sexual forçada, carícias e toques não permitidos, exibicionismo ofensas de baixo calão etc. Ainda segundo a autora, os episódios recorrentes de violência podem ser vistos pela mulher como uma coisa comum ou uma não-agressão.

Para as mulheres, a violência sexual se dá cerca de seis vezes mais do que para os homens, ainda que para ambos as agressões físicas representem a maioria dos eventos. [...].

Disso decorrem três questões que devemos observar: primeiro, é por demais diversos o contexto em que ocorre a violência contra a mulher para ser apenas creditado as características pessoais ou individuais de certas mulheres; segundo, a violência é de alta frequência mesmo em camadas sociais distintas, não sendo restrita às mais desfavorecidas; terceiro, elas são em comum, violência **de gêneros**. (SHAIBER, 2005, p. 40; 42 – grifos nossos).



Podemos destacar uma forma de violência, a sexual, que é muito mais recorrente com o sexo feminino do que com o masculino. Muitas mulheres se sentem ameaçadas em vários ambientes, seja no trabalho ou familiar, muitas vezes com medo de surgir futuramente qualquer tipo de agressão advinda de um parceiro ou familiar, principalmente a sexual, pois o trauma e a vergonha é extremamente maior do que a ameaça e a agressão.

1.2 Panorama da violência de gênero em breves: ano 2016¹

A cidade de Breves, situada no Estado do Pará, no arquipélago do Marajó, conta hoje de acordo com o censo de 2016, com 99 mil habitantes. Devemos enfatizar acerca do aumento numérico da população oriunda da zona rural, que muitas vezes vem definitivamente para a cidade em busca de melhores condições de vida e, por motivos econômicos, estabelecem-se em bairros periféricos. Quanto a estes bairros, vale ressaltar que muitos surgem a partir de invasão e são ocupados de forma desorganizada. Dentre essas adversidades se destaca a violência de gênero, no que diz respeito às mulheres.

O município de Breves, considerado a capital do Marajó, conta, atualmente, com importantes serviços públicos como, por exemplo, o Hospital Regional, Ministério Público e a Defensoria Pública que atendem Breves e todo o entorno atuante, pois, de acordo com funcionários, não tem infraestrutura mínima para que funcione. Isso significa, por exemplo, que MP (Ministério Público) e a Defensoria acabem sobrecarregados, mas não somente estes órgãos, pois as delegacias, por exemplo, também acaba sendo sobrecarregada com a demanda de cidadãos que buscam por seus direitos, de alguma forma. Tanto à infraestrutura física quanto a humana precisam de melhorias, assim como a DP (Defensoria Pública) precisa de mais funcionários, principalmente no que se refere ao suporte psicológico, pois embora tenha uma psicóloga, é necessária uma ajuda maior de outros profissionais da área como também de assistentes sociais. No que se refere à violência doméstica ou de gênero, cabe uma leitura mais específica, pois a mesma ainda tem um índice muito alto no Brasil, chegando a vitimar um número elevado de mulheres.

Neste contexto, esse tema é sempre algo que merece uma atenção por parte da sociedade e da academia, seja em denunciar a existência dessa violência, seja para pleitear políticas públicas ou ainda para simplesmente conscientizar a população de alguma forma.

¹ Foram consideradas para esta pesquisa, apenas as violências legalmente denunciadas (comunicadas) na Defensoria Pública de Breves, ao longo de 2016.

SANTOS, Vinícius Nascimento dos; JOB, Sandra Maria. Violência doméstica no Marajó das florestas. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

Em se tratando da violência de gênero em Breves e entorno, abaixo seguem as tabelas para melhor elucidar e refletir sobre os números de casos que foram oficialmente denunciados à Defensoria Pública ao longo do ano de 2016, em específico.

Tabela 1- Estupro²

Identificação ³ vítima	Sexo	Idade vítima	Sexo Agressor	Idade Agressor	Cidade da ocorrência	Bairro
1	Feminino	15 anos	Masculino	45 anos	Breves	Cidade nova
2	Feminino	12 anos	Masculino	24 anos	Breves	Aeroporto
3	Feminino	15 anos	Masculino	60 anos	Breves	Aeroporto

Fonte: Do autor, 2017.

Nota-se, que no decorrer do ano de 2016 foram denunciados apenas três casos envolvendo violência sexual. Então fica a dúvida latente: será que em um ano houve apenas esses casos? ou mulheres com vergonha/medo não fizeram a denúncia? Tais indagações surgem, pois, é sabido, por meio de vizinhos, parentes e amigos, casos e mais casos de abuso sexual de crianças, jovens/adolescentes, por exemplo, ocorridos principalmente no entorno é de conhecimento de muitos, mas que não chegam a ser denunciados, pois a comunidade fica distante.

Além da questão da distância, outro fator que, muito provavelmente, contribuiu para que o baixo número de denúncias de abuso ocorra é que as cidades próximas não contam com uma população elevada, então, muitas vezes, a vítima sente vergonha de fazer a denúncia para não ficar conhecida - estigmatizada ou “caracterizada” como alguém que foi para uma delegacia porque foi estuprada, abusada sexualmente.

No caso 3, por exemplo, vale ressaltar que a violência foi cometida por uma pessoa do núcleo familiar: o próprio tio da vítima foi o responsável. Isso só vem reforçar o que comumente é divulgado, isto é, que abuso sexual na grande maioria dos casos é cometido por pessoas próximas à vítima. Além disso, podemos afirmar que o papel da mulher nessa situação, qual seja, um papel solidário, de companheirismo, pois as pessoas que ajudaram as vítimas nas denúncias foram outras mulheres.

Esses casos foram denunciados na delegacia comum e não na DEAM/PROPAZ⁴, só depois que o episódio aconteceu é que todos envolvidos foram direcionadas à delegacia especializada, no caso na DEAM/PROPAZ, para fazer as medidas cabíveis, como o inquérito policial instaurado, o corpo

² As informações constantes na tabela foram obtidas junto a Defensoria Pública de Breves.

³ A identidade dos sujeitos envolvidos nas denúncias não serão divulgados. Aqui serão identificados como 1, 2, 3, 4....

⁴ Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher pode ser encontrado na Rua Ângelo Fernandes Breves s/n, Bairro Aeroporto.

de delito e a denúncia do acusado junto ao Ministério Público, cabendo ao juiz, nesta altura, decretar ou não a prisão preventiva do acusado.

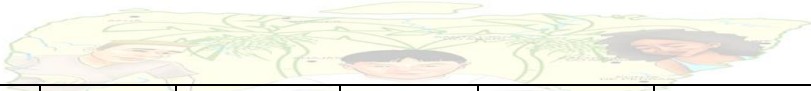
Podemos dizer que as mulheres que sofreram violência sexual entraram em contato com seus familiares mais próximos para auxiliarem nas denúncias, pois após o ato cometido, elas estão psicologicamente e fisicamente abaladas. Podemos partir do princípio de que a falta de denúncias dessas agressões muitas vezes também se dá pelo fato de que os agressores pertencerem ao núcleo familiar e isso acaba gerando vergonha para uma possível denúncia e/ou os outros parentes proíbem a vítima de denunciar um membro da família, como se a violência cometida fosse menos dolorida que a prisão de um parente. Por outro lado, não podemos deixar de dizer que o corpo de funcionários das delegacias é, em sua maioria, composto por homens. Para atendimento a mulheres, a presença de funcionárias ajudaria numa forma melhor desinibição da vítima para relatar seu caso. Devemos estar atentos para não deixar de lado as formas de violência achando que é normal e pode ocorrer sem problemas no ambiente familiar, devemos criar tentativas de amenizar esse quadro no município e nas zonas rurais.

Como a mulher não é vítima apenas de abuso sexual, segue abaixo a tabela com dados acerca de agressão física denunciados ao longo de 2016, podemos enfatizar que a maioria dos casos aconteceu entre cônjuges.

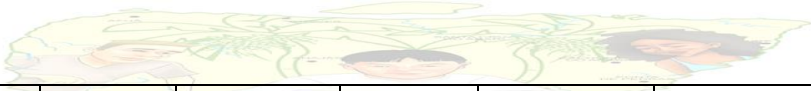
Tabela 2- Agressão física⁵

Identificação vítima	Sexo	Idade vítima	Sexo Agressor	Idade Agressor	Cidade ocorrência	Bairro
1	Feminino	23 anos	Masculino	26 anos	Breves	Castanheira
2	Feminino	34 anos	Masculino	32 anos	Breves	Aeroporto
3	Feminino	26 anos	Masculino	31 anos	Breves	Santa cruz
4	Feminino	23 anos	Masculino	25 anos	Breves	Rio Tiririca
5	Feminino	38 anos	Masculino	18 anos	Breves	Centro
6	Feminino	55 anos	Masculino	41 anos	Breves	Aeroporto
7	Feminino	34 anos	Masculino	31 anos	Breves	Aeroporto
8	Feminino	29 anos	Masculino	34 anos	Breves	Centro

⁵ As informações constantes na tabela foram obtidas junto a Defensoria Pública. Entende-se aqui a agressão física e tentativa de homicídio, sem envolvimento sexual.



9	Feminino	17 anos	Masculino	45 anos	Breves	Aeroporto
10	Feminino	29 anos	Masculino	32 anos	Breves	Centro
11	Feminino	24 anos	Masculino	44 anos	Breves	Aeroporto
12	Feminino	26 anos	Masculino	32 anos	Breves	Aeroporto
13	Feminino	24 anos	Masculino	19 anos	Bagre	Pica pau
14	Feminino	26 anos	Masculino	34 anos	Breves	Cidade nova
15	Feminino	22 anos	Masculino	32 anos	Curralinho	Cafezal
16	Feminino	31 anos	Masculino	32 anos	Curralinho	Vila Recreio.
17	Feminino	31 anos	Masculino	37 anos	Breves	Aeroporto
18	Feminino	39 anos	Masculino	35 anos	Breves	Aeroporto
19	Feminino	36 anos	Masculino	29 anos	Breves	Castanheira
20	Feminino	29 anos	Masculino	35 anos	Curralinho	Marambaia
21	Feminino	32 anos	Masculino	33 anos	Breves	Castanheira
22	Feminino	33 anos	Masculino	36 anos	Breves	Centro
23	Feminino	77 anos	Masculino	31 anos	Breves	Centro
24	Feminino	35 anos	Masculino	47 anos	Breves	Aeroporto
25	Feminino	35 anos	Masculino	48 anos	Breves	Cidade nova
26	Feminino	19 anos	Masculino	25 anos	Bagre	Rio jacundá
27	Feminino	35 anos	Masculino	40 anos	Breves	Aeroporto
28	Feminino	17 anos	Masculino	24 anos	Curralinho	Marambaia
29	Feminino	19 anos	Masculino	30 anos	Breves	Jardim tropical
30	Feminino	47 anos	Masculino	55 anos	Curralinho	Cafezal
31	Feminino	13 anos	Feminino	26 anos	Breves	Santa cruz
32	Feminino	27 anos	Masculino	33 anos	Breves	Santa Cruz
33	Feminino	55 anos	Masculino	47 anos	Curralinho	Marambaia
34	Feminino	20 anos	Masculino	23 anos	Breves	Centro



35	Feminino	45 anos	Masculino	34 anos	Breves	Estrada Santa Luzia.
----	----------	---------	-----------	---------	--------	----------------------

Fonte: Do autor, 2017.

O número de agressão física que chega à Defensoria, como pode ser observado, é grande. E, infelizmente, não são os únicos a ocorrer na sociedade brevense, isso é óbvio. E qual seria a interpretação possível para essa estatística? já que justificativa plausível não existe.

Socialmente, uma das explicações recorrentes é que, apesar de o agressor ser trabalhador, entretanto, se bebe, ou se aborrece com algo que a companheira fez, ele ‘perde’ a cabeça. Nesse sentido, segundo Silveira (2008), através da história o homem ficou marcado como racional e a mulher como emotiva, então dentro da sociedade machista o discurso de que o “homem perdeu a cabeça” é por que naquele instante ele perdeu uma parte de sua racionalidade. Além disso, para Santos e Izumino (2005), muitos homens não possuem informações suficientes ou foram criados concebendo a ideia de que a violência contra a mulher é normal e pode ser praticado porque não haverá penalidades.

Na cidade de Breves, onde os homens na sua maioria advêm da zona rural para a cidade, em algumas comunidades rurais essas concepções estão impregnadas através do sistema do patriarcado. Ainda segundo Santos e Izumino (2005), esse sistema de patriarcado mostra como homem deve ser “macho” e a mulher deve fazer tudo o que ele quiser. Esse “respeito” inicia-se com o pai e depois passa para o marido, sendo a mulher uma escrava que tem que atender todos os desejos e se sofreu agressão e porque mereceu ou fez algo errado.

Ainda buscando justificar o porquê do alto número de denúncias de violência física, de acordo com Schraiber e outros (2005), culturalmente a banalização da violência faz com que discursos como “ela merecia”, “foi só essa vez”, “eu estava bêbado”, “nunca mais faço isso porque em mulher não se bate nem com uma flor”, aponta que os agressores tentam justificar seus atos e tentam também provar que as mulheres mereciam isso ou provocaram essa situação. Ou seja, os homens são mais do que inocentes, aos olhos deles mesmos, eles se autoconsideram vítimas – do álcool e/ou da mulher, pois ele bebe direta e/ou indiretamente por causa dela.

Por isso há necessidade de conscientização da população sobre essas construções sociais sobre o papel do homem e da mulher. Há também a necessidade de implantar políticas públicas em prol de mulheres vítimas de quaisquer violências, entre outras coisas, pois talvez assim, a longo prazo, homens parem de “perder” a cabeça (racionalidade) e, conseqüentemente, parem de descarregar na mulher seus fracassos sociais, financeiros, sexual.

Como violência de gênero não se restringe à física e/ou sexual, chega à Defensoria denúncias de ameaças. Neste sentido, observe as informações constantes na tabela abaixo.

SANTOS, Vinícius Nascimento dos; JOB, Sandra Maria. Violência doméstica no Marajó das florestas . In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

**Tabela 3 - Ameaça⁶**

Identificação vítima	Sexo	Idade vítima	Sexo Agressor	Idade Agressor	Cidade ocorrência	Bairro
1	Feminino	33 anos	Masculino	47 anos	Breves	Paraíso
2	Feminino	16 anos	Masculino	44 anos	Breves	Jardim Tropical
3	Feminino	41 anos	Masculino	41 anos	Breves	Aeroporto
4	Feminino	30 anos	Masculino	44 anos	Breves	Jardim Tropical
5	Feminino	45 anos	Masculino	31 anos	Breves	Aeroporto
6	Feminino	40 anos	Masculino	53 anos	Breves	Cidade Nova II

Fonte: Do autor, 2017.

Nesses casos de ameaça os indivíduos não chegaram a causar dano físico às vítimas, porém os danos psicológicos aconteceram. Os casos de ameaça, em sua maioria, acontecem por causa de discussões, as mulheres nesses episódios não chegaram a ter algum tipo de dano físico. Nos maioria dos casos os indivíduos utilizaram armas brancas (facas, pedaços de madeira etc), destruíram parte da residência.

Como afirma a autora Schraiber (2005), as ameaças vão além de palavras de baixo calão e destruição de bens materiais das vítimas. Nos casos constantes na tabela, os agressores destruíram diversos objetos pessoais das vítimas. Nos flagrantes policiais, nas informações dos agressores eles afirmaram que não bateram em suas vítimas “apenas” quebraram seus objetos. Conforme consta nas tabelas acima, foram retirados dos processos⁷, a acusação, idade de vítima e do acusado, além do bairro no qual as vítimas e o acusado vivem. Acreditamos ser esta uma informação relevante, não para usá-la como fator de discriminação social, muito pelo contrário, para refletir e, se for o caso, chamar a atenção para a necessidade de olhares outros para tais localidades. Neste contexto, segue abaixo uma sequência de gráficos para uma melhor análise de dados. O primeiro é sobre os bairros em que aconteceram os crimes.

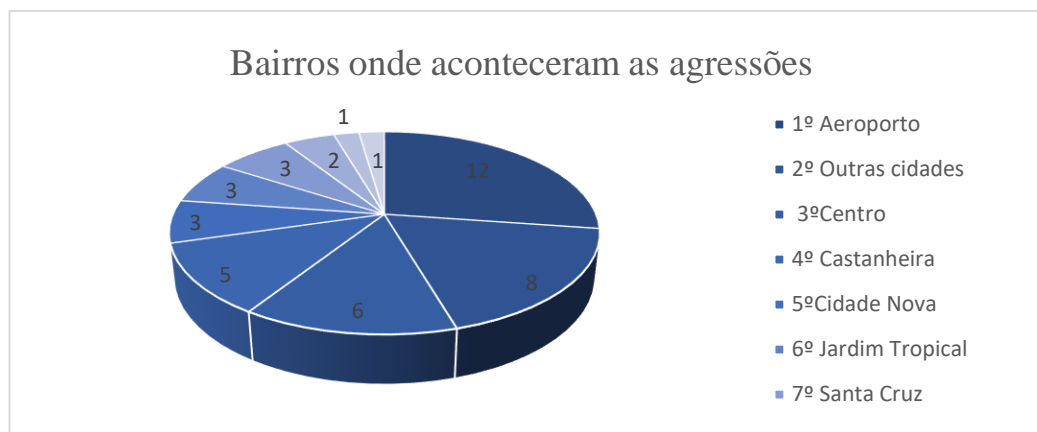
⁶ Esses casos foram apenas de ameaça, então só ocorreu com as vítimas violência psicológica.

⁷ Infelizmente nos autos não constam informações como raça, grau de escolaridade que também são dados importantes para possíveis medidas sociais e/ou outros trabalhos que possam se originar deste.

SANTOS, Vinícius Nascimento dos; JOB, Sandra Maria. Violência doméstica no Marajó das florestas. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



Gráfico 1- Onde aconteceram as denúncias.



Fonte: Do autor, 2017.

Quanto aos bairros, em Breves o maior número de ocorrência veio do bairro Aeroporto. É um dos maiores bairros da cidade, a princípio o bairro não planejado com o passar dos anos se tornou um dos maiores bairros da cidade. Acerca da questão dos maiores números de denúncias serem desse bairro se dá porque está localizado a delegacia comum a delegacia especializada, a Universidade etc; ou seja, muitas denúncias conseguiram ser feitas por estarem próximas e no mesmo bairro desses órgãos.

Com relação às cidades vizinhas, podemos perceber que depois das outras cidades (Bagre, Curralinho) onde encontramos vários casos foram as ocorrências na cidade que são formadas por grandes zonas periféricas, isso é bastante relevante porque mostra que a violência pode acontecer em qualquer lugar, não apenas em locais periféricos.

Gráfico 2- Responsável pela denúncia.

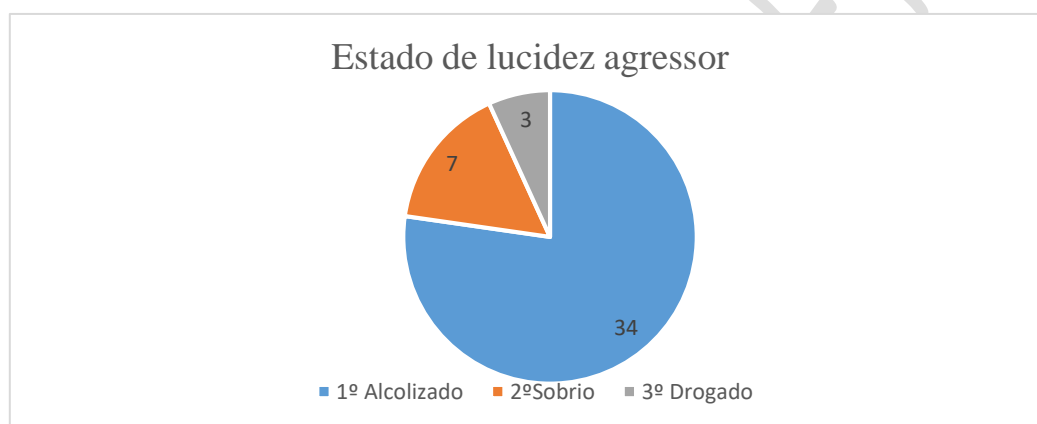


Fonte: Do autor, 2017.

A maioria das denúncias parte da vítima, conforme demonstrado no gráfico acima. Contudo, alguns familiares ajudaram e apenas duas denúncias vieram de uma vizinha e um vizinho. Isso aponta que o discurso machista de não intervir em brigas familiares ainda reflete na própria comunidade. Além disso, o/a vizinho/a, às vezes, não denuncia porque ele/a mesmo vê com bons olhos tal violência seja por que acha que a mulher mereceu apanhar, seja por que acredita que a violência ocorreu, pois o agressor fez isso porque estava bêbado ou sob o efeito de entorpecentes e que quando não está sob efeito de drogas, o agressor é um bom homem, entre outros motivos não justificáveis.

Em relação à questão se os acusados estavam sóbrios ou não no momento do crime, segue abaixo um gráfico enfatizando essa situação.

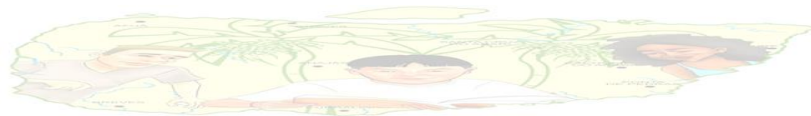
Gráfico 3- Estado do acusado (alcoolizado, drogado etc)



Fonte: Do autor, 2017.

Um dos problemas que agravam a questão da violência de gênero é a utilização de drogas. No gráfico exposto acima, mostramos que os agressores estavam em sua maioria alcoolizados e seguindo alguns que estavam sóbrios durante suas agressões e, por último, três indivíduos drogados. Muitos agressores são alcoólatras e para tentar justificar a violência, atribuem esse comportamento com o uso de álcool.

A maioria desses casos analisados as relações são abusivas e opressivas. Como afirmar a autora Silveira (2008) é difícil romper certos padrões sexista de relacionamentos sociais entre homens e mulheres, principalmente para quem deles se utiliza para exercer poder sobre o outro, oprimir o outro, ou seja, o homem se utiliza de diversos fatores para fazer isso com a mulher, como filhos, dependência financeira etc.



CONCLUSÃO

E, por fim, a partir desse estudo foi possível ratificarmos que precisamos atuar e combater a violência de gênero em todas suas formas e trazer à comunidade dados para apontar como isso é corriqueiro e muito triste, pois mulheres sofreram e estão sofrendo nesse momento algum tipo de violência. Portanto, é necessário refletir, discutir esse assunto e não o deixar em segundo plano; dessa forma primeiro informando e esclarecendo o que é gênero, sexualidade, orientação sexual, para não haver dúvidas e tabu sobre esse assunto, segundo informar e apontar que violência alguma é normal. Nesse sentido, as pesquisas nessa área podem possibilitar que a sociedade tenha uma visão diferenciada para a violência contra a mulher, e, assim, chamar a atenção da comunidade é da academia para tentarmos amenizar os números, fazer com que a violência não seja vista como normal ou justificável, apontando que os problemas estão nos agressores e não nas vítimas, e que esse assunto se torne pertinente e venham mais pesquisas sobre a violência de gênero no Marajó das florestas.

REFERÊNCIAS

- BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- DEFENSORIA Pública do Pará. Disponível em: <https://dp-pa.jusbrasil.com.br/noticias/2125532/defensoria-publica-inaugura-a-sede-da-regional-de-breves-e-garante-mais-cidadania-aos-assistidos/pag:1/>. Texto Acesso em: 10/03/2017.
- HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4-ed.rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- IBGE. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/pag:1/>. Acesso em: 18/03/2017.
- MACHADO, Rosane. **O universo feminino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- MENEGHEL, Stela Nazareth; [et al]. **História de resistência de mulheres negras**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2005.
- SANTOS, Cecília MacDowell. [et al]. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feminista no Brasil**, revista E.I.A.L Estudos Interdisciplinares de América Latina y El Caribe, da Universidade de Tel Aviv, 2005.
- SCHAIBER, Lilia Blima... [et al]. **Violência dói é não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos**- São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Diversidade de gênero – mulheres**. p. 43-57. Direitos Humanos: capacitação de educadores. ZENAIDE, M. N. T. et al. João Pessoa, PB: Editora Universitária, UFPB, 2008.
- SANTOS, Vinícius Nascimento dos; JOB, Sandra Maria. Violência doméstica no Marajó das florestas . In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. Círculo do Livro S.A. edição Integral, 1991.

SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por seis autoras femininas; Ensaios de Gênero**. Postado em 09/04/2012. Disponível em: <http://www.> Acesso em: 18/03/2012.

IV COLÓQUIO DE LETRAS